



ARTIGO APRESENTADO NO SEMINÁRIO INTERNACIONAL
“Trajetórias de Desenvolvimento Local e Regional: uma comparação entre as Regiões do Nordeste Brasileiro e a Baixa Califórnia, México”
Fortaleza, 29-30 de outubro de 2008

AS EMPRESAS INCENTIVADAS E O PERFIL EXPORTADOR DO ESTADO DO CEARÁ EM UM AMBIENTE GLOBALIZADO

Maria Cristina Pereira de Melo*

1. Introdução

O Estado do Ceará, assim como o Brasil, era uma economia pouco aberta ao comércio exterior até a década de 1990. No ambiente globalizado, a reação estadual à abertura comercial da economia brasileira começa a se fazer sentir de maneira significativa a partir de 1999, evidenciada pelo movimento ascendente das exportações. O incremento das vendas externas estaduais a partir daí foi resultado, em grande medida, de políticas públicas estaduais que associadas às características da demanda mundial e do comportamento de seus principais parceiros chegaram a mudar o perfil da pauta.

Na década seguinte, os preços internacionais ajudaram, sobremaneira, o crescimento das vendas externas cearenses. O índice de preço geral das exportações estaduais sustentou trajetória de crescimento a partir de 2003, depois de ter experimentado trajetória descendente na década que precedeu. Contudo, o *quantum* exportado já vinha registrando movimento ascendente desde 1999 e sustentou a tendência até 2007. Os setores industriais cearenses que começaram a despontar, na segunda metade da década de 1990, como importantes exportadores tiveram papel fundamental nesse resultado. De fato, os setores couros e calçados seguiram em ciclo ascendente do *quantum* exportado desde a implantação das primeiras unidades atraídas para o Estado pelos incentivos do Governo local. Estes setores também têm aproveitado o bom momento dos preços internacionais de seus produtos (FUNCEX, 2008).

O estudo analisa o comércio exterior do Ceará no que se refere às características e as tendências das transações no período 1990-2007. O caminho traçado para análise aborda a balança comercial estadual através da evolução do saldo da balança comercial e de indicadores que possam qualificar a composição das trocas em nível de setor. Nesse contexto, examina-se a composição da pauta no período a fim de qualificar as mudanças de perfil ocorridas ao longo dos anos considerados levando em conta as diferentes trajetórias dos setores exportadores. Por fim, a análise ficará por conta das alterações verificadas no comércio a partir dos incentivos concedidos pelo Governo do Estado e o papel das empresas beneficiadas nesse processo. Dessa forma, o estudo está dividido em quatro seções. Na primeira seção, será apresentada uma breve retrospectiva dos programas estaduais de atração de

* Doutora e Pós-Doutora em Economia pela Universidade de Paris, Professora e Pesquisadora da Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade da Universidade Federal do Ceará e Membro do Grupo de Pesquisa Região Indústria e Competitividade (RIC) da Universidade Federal do Ceará. A autora agradece a Diego Holanda pela tabulação de dados e a Graziela Daniela Barros pela colaboração nos gráficos.

investimentos industriais, na segunda, será traçado o perfil exportador cearense nos anos 90, ou seja, aquele período que antecede o ingresso das empresas incentivadas na economia do Ceará; na terceira, serão avaliadas as trocas comerciais externas cearenses no ambiente globalizado; e na quarta, será abordada a dinâmica de comércio exterior das empresas incentivadas cearenses e a recomposição da pauta exportadora estadual.

2. O Fundo de Desenvolvimento Industrial e atração de empresas para o Estado

O Estado do Ceará começou a se interessar em atrair empresas de outros Estados no final da década de 1970 através do Fundo de Desenvolvimento Industrial (FDI). Este fundo foi criado em 1979 através da Lei nº 10.367, o qual dotou o Estado de instrumento legal para a concessão de incentivos às empresas industriais que investissem no Estado.

As principais formas de incentivo previstas pela referida legislação eram a concessão de empréstimos de médio e longo prazo, aquisição de ações, debêntures ou títulos outros emitidos por empresas industriais e subsídio de encargos financeiros para empresas com sede no Ceará. Foram acoplados vários programas a esse Fundo, com destaque para o Programa de Atração de Investimentos de Empresas Industriais (PROVIN), criado no início da década de 1980. Esse programa passou por várias reformulações ao longo dos anos. Em 1989, o PROVIN foi reformulado e passou a conceder, como principal forma de incentivo, empréstimo sobre o ICMS arrecadado pelas empresas incentivadas. Em 1995, outra reformulação adotou a lógica dos raios econômicos, ou seja, quanto mais distante da Região Metropolitana de Fortaleza (RMF) fosse instalada a empresa industrial, maiores seriam os incentivos. Esta reformulação foi a mais duradoura e a que expressou maior poder de atração. Em 2002 e 2003, estes incentivos foram alterados mais uma vez (IPECE, 2006a). A última modificação foi efetuada em 2007.

O deslocamento das empresas para o Ceará tomou fôlego a partir da segunda metade da década de 1990. De fato, entre 1995 e 2005, quatrocentas e trinta e duas empresas foram beneficiadas como resultado da implementação do citado Programa. Dessa forma, empresas dos mais variados setores de atividade foram contempladas pelos referidos incentivos, sendo os setores os mais representativos mencionados a seguir: têxtil, alimentos, metal-mecânico, calçados, vestuário e mais recentemente químico (IPECE, 2006b).

A estratégia de deslocamento das empresas contava não só com os incentivos atrelados ao programa de atração citado acima, como também com outras vantagens locais, tais como mão de obra com custo relativo mais baixo que do Estado de origem (30% em relação ao sul/sudeste), infra-estrutura portuária (importante para exportação) e proximidade ao mercado consumidor (tempo de transporte marítimo corresponde três dias de redução no Ceará comparado com o Sul do país para Estados Unidos e Europa). Adicionalmente, o Estado oferecia terreno para a instalação da planta e treinamento de mão-de-obra no período de três meses.

Para uma empresa intensiva em mão-de-obra e inserida em um mercado globalizado, as vantagens comparativas citadas se traduziriam em poder competitivo. Fica evidente que setores intensivos em mão-de-obra foram, sobremaneira, beneficiados com o PROVIN e são, por conseguinte, importantes para a geração de emprego. Dentre estes, o mais importante gerador de postos de trabalho é o calçadista, seguido pelo setor de alimentos, vestuário e têxtil.

Outro Programa associado ao FDI beneficiou empresas exportadoras, exclusivamente dos setores de couros e calçados. Somente empresas desses setores receberam incentivos atrelados ao Programa de Incentivos às Atividades Portuárias e Industriais do Ceará (PROAPI), cujo benefício estava atrelado diretamente ao comércio externo. Esse Programa teve como

finalidade, segundo o decreto do Governo do Estado do Ceará n. 24.096 de 22.05.1996 do Estado do Ceará n° 24.096 de 22.05.1996¹:

“contribuir para a consolidação e descentralização do setor industrial cearense, através de incentivo à implantação, ampliação, modernização, diversificação, recuperação e realocação de empresas industriais, consideradas de fundamental interesse para o desenvolvimento econômico do Estado;

“fomentar as atividades portuárias e de incrementar o desenvolvimento industrial e de produtos industrializados em todo o Estado do Ceará a serem exportados para o exterior”

Consta do decreto:

“**Art. 1º** O Fundo de Desenvolvimento Industrial do Ceará - FDI assegurará, através do Programa de Incentivo às Atividades Portuárias e Industriais do Ceará - PROAPI, financiamento para capital de giro às empresas industriais predominantemente exportadoras de calçados e/ou de componentes de calçados, sediadas no Estado, na forma prevista nos arts. 1º e 2º da Lei nº 12.478, de 21 de julho de 1995, através da utilização dos recursos decorrentes dos retornos das operações do FDI, enquanto não creditadas à conta do Tesouro do Estado.”

“Parágrafo único. Para os fins do "caput" deste artigo, entende-se por empresa industrial predominantemente exportadora de calçados e/ou componentes de calçados, sediadas no Estado do Ceará, aquela que comercialize para fora do País pelo menos, 90% (noventa inteiros por cento)”

3. Perfil exportador cearense nos anos 1990

Na década de 90, o Estado do Ceará apresentou comportamento singular quando comparado aos demais estados da Região. Participava, em 1991, com 15% do PIB nordestino e, em 1997, com 16%. Serviços era o principal setor produtivo do Estado neste último ano, participando com 65% da geração de seu PIB, enquanto a indústria detinha 29% e o setor agropecuário 5,7%.

A indústria cearense sofreu perda na participação no PIB estadual durante o período 1991-1997. Em 1998, a expansão de 4% ocorrida no setor industrial elevou novamente a participação no PIB estadual, perfazendo 35% dessa medida. A participação da agropecuária cearense no PIB estadual também perdeu nesse período e se reduziu ainda mais em 1998, como resultado da seca que atingiu o Estado. No ano anterior, este setor alcançou apenas 3,5% do PIB estadual, expressando retração de 24% (FONTENELE & MELO, 2004).

Considerando-se o crescimento real da indústria, constata-se que o Ceará obteve baixo crescimento comparando-se os dois extremos do período 1991-1996. No entanto, deve-se salientar que este Estado, em 1991, apresentou crescimento real da indústria de 19%, maior crescimento dentre os Estados da Região e, em 1998, já surgiram os resultados da política estadual de estímulo à indústria e atração de novos investimentos

¹ A íntegra do decreto está disponível em www.fiscosoft.com.br.

Durante o ano de 1998, a atividade industrial cearense mostrou comportamento instável. Observa-se que, da retração de 2,5% nos primeiros meses do ano, a economia cearense recuperou-se no segundo semestre crescendo 5%. Setorialmente, constatou-se recuo de 23% dos produtos da indústria alimentícia motivado pelo fraco desempenho da castanha de caju. A recuperação no segundo semestre deveu-se principalmente aos setores de metalurgia, material elétrico e de comunicação e minerais não-metálicos. Interessante observar que entre os setores industriais de pior desempenho estavam alguns dos principais produtos de exportação do Estado, enquanto no grupo que mais se destacou no período apareciam outros não tradicionais na pauta de exportação.

Em 1997, o Estado do Ceará respondia por 9% das exportações nordestinas aumentando sua participação mais um pouco até o final da década. Era o quarto Estado exportador do Nordeste, seu coeficiente de importação mais que triplicou na década de 1990. O grau de abertura mais que dobrou comparando-se o início e o fim da década, no entanto, o Estado revelava-se aberto ao comércio exterior fundamentalmente pelo desempenho de seu setor importador. Esse resultado era esperado uma vez que tradicionalmente o Estado do Ceará não expressava caráter exportador na Região Nordeste evidenciado pelo indicador que expressa a importância das exportações no PIB estadual com relação ao mesmo indicador para a Região como um todo ($X_{est}/PIB_{est} < X_{ne}/PIB_{ne}$) (FONTENELE & MELO, 2004)(Tabelas 1 e 2).

Tabela 1 - Brasil, Nordeste e Ceará: Coeficiente de Importação (m) e Grau de Abertura (GA)

Indicadores	1991	1997	2000	2005
m Brasil	0,0517	0,0712	0,0848	0,1099
m Nordeste	0,0244	0,0318	0,0574	0,0847
m Ceará	0,0168	0,0312	0,0594	0,0703
GA Brasil	0,1364	0,1439	0,1843	0,2881
GA Nordeste	0,0703	0,0649	0,1120	0,1951
GA Ceará	0,0455	0,0502	0,1067	0,1373

Fonte: BRASIL, 2008. IBGE, Contas Regionais, 2007. FONTENELE & MELO, 2005

Tabela 2 - Nordeste e Ceará: Indicadores de Exportações e Importações (1991-1999)

Anos	Xne/XBr	Mne/MBr	Xce/Xne	Mce/Mne
1991	0,0904	0,0749	0,0946	0,1035
1992	0,0848	0,0669	0,1000	0,1739
1993	0,0781	0,0769	0,0912	0,1974
1994	0,0701	0,0763	0,0956	0,2156
1995	0,0912	0,0717	0,0831	0,1843
1996	0,0807	0,0778	0,0994	0,1972
1997	0,0747	0,0669	0,0884	0,1528
1998	0,0727	0,0657	0,0955	0,1598
1999	0,0699	0,0716	0,1106	0,1627

Fonte: FONTENELE & MELO, 2005.

Quanto ao comportamento da balança comercial cearense na referida década, constata-se movimento declinante bem mais forte que o apresentando para o Nordeste e para o Brasil, expressando saldo negativo já em 1993, que se manteve até o final do período, apesar de ter havido movimento em direção à redução do *déficit* comercial a partir de 1997 (Tabela 3).

Tabela 3 – Brasil, Nordeste e Ceará: Saldo da Balança Comercial (1991-1999) (em US\$ 1000)

Ano	SBC ce	SBC ne	SBC br	SBCce/X+M	SBCne/X+M	SBCbr/X+M
1991	105.801	1.291.173	10.578.794	0,24	0,29	0,20
1992	64.975	1.665.215	15.239.895	0,12	0,38	0,27
1993	(113.133)	1.047.428	13.298.768	-0,17	0,20	0,20
1994	(187.867)	1.047.389	10.466.459	-0,24	0,16	0,11
1995	(294.823)	636.216	(3.465.614)	-0,30	0,09	-0,03
1996	(433.036)	(315.420)	(5.599.039)	-0,37	-0,04	-0,05
1997	(328.826)	(268.239)	(6.752.887)	-0,28	-0,02	-0,07
1998	(250.697)	(79.974)	(6.623.614)	-0,26	-0,01	-0,06
1999	(202.269)	(172.055)	(1.283.195)	-0,21	-0,03	-0,01

Fonte: FONTENELE & MELO, 2005.

A análise setorial da década de 1990 está segmentada em dois sub-períodos. O primeiro corresponde aos anos 1991 a 1996 e o segundo 1997 a 1999. Esta divisão se deve ao fato de que foi a partir do ano de 1996 que começaram a serem assinados os contratos de incentivo à exportação entre o Governo do Estado e empresas privadas através do Programa de Incentivo às Atividades Portuárias e Industriais do Ceará (PROAPI). Dessa forma, pode ser visualizado, com maior clareza, o início dos rebatimentos no comércio exterior estadual a partir de tais eventos.

O Ceará foi o principal exportador de doze setores dentre os quarenta e cinco mais importantes para a Região em 1996, quais sejam: peixes, crustáceos e moluscos (69% da exportação regional); frutos comestíveis cascas de frutas (67%); gomas, resinas, outros sucos de extração vegetal (47%); gorduras, óleos e ceras (47%); têxteis metalizados (74%); têxteis metalizados (74%); Algodão (72%); outros artigos de confecção de tecidos (56%); calçados, perneiras (72%); ferro fundido, ferro e aço (77%); caldeiras máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos (55%); navegação marítima e fluvial (87%); instrumentos musicais aparelhos de reprodução som e imagem (72%).

Tabela 4 – Ceará: Principais Setores Exportadores de 1996 (1991/1996) (% na Pauta)²

NCM	Setores	1991	1996
08	Frutas, cascas de cítricos e de melões	34,26	40,22
52	Algodão	11,05	16,20
03	Peixes e crustáceos, moluscos e outros invertebrados aquáticos	19,99	11,70
15	Gorduras, óleos e ceras animais ou vegetais, etc.	8,28	10,09
64	Calçados, polainas e artefatos semelhantes, e suas partes	1,54	2,70
04	Leite e laticínios, ovos de aves, mel natural, etc.	-	2,46
41	Peles, exceto a peleteria (peles com pelo), e couros	3,90	2,43
55	Fibras sintéticas ou artificiais descontínuas	9,84	1,79
72	Ferro fundido, ferro e aço	2,25	1,66
62	Vestuário e seus acessórios, exceto de malha	0,78	1,54
73	Obras de ferro fundido, ferro ou aço	0,85	1,28
13	Gomas, resinas e outros sucos e extratos vegetais	1,68	0,95
84	Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, etc., mecânicos	0,21	0,92
90	Instrumentos e aparelhos de óptica, fotografia, etc.	0,24	0,80
68	Obras de pedra, gesso, cimento, amianto, mica, etc.	0,58	0,76
	Total	95,45	95,49
	Demais produtos	4,55	4,51

Fonte: FONTENELE & MELO, 2000.

A análise da distribuição setorial das exportações do Ceará para o período 1991-1996 destaca que sete setores foram responsáveis por 90% do valor da pauta cearense no início do período enquanto em 1996, um conjunto de nove setores correspondia por esse percentual, revelando alguma diversificação, ainda que tímida. Desse conjunto de setores, em sete deles o Estado tinha forte especialização relativa à Região. Avalia-se, a seguir, o comportamento de setores representativos na pauta de exportação de 1996³.

Frutos comestíveis, casca de frutas, etc. foi o setor com maior participação na pauta de exportação cearense em 1996 (40%), correspondendo a 67% das exportações nordestinas. Suas exportações permaneceram estáveis em toda a década. A castanha de caju se mantém, desde sempre, na primeira posição na pauta estadual exportadora.

O setor de algodão, fios e tecidos de algodão foi responsável, em 1996, por 16% das exportações cearenses (74% das exportações nordestinas do setor). O produto mais representativo nas vendas desse setor foi tecido algodão $\geq 85\%$, $p > 200\text{g/m}^2$, "denim", o qual se sustentou até a década seguinte com parcela importante, apesar de paulatinamente perder importância.

Peixes, crustáceos e moluscos, é o terceiro setor em ordem de importância na pauta de exportações cearenses em 1996. Naquele ano, lagostas era o produto mais vendido ao exterior por esse setor, este perfazia cerca de 90% de tudo que era exportado pelo setor de peixes. Nos anos subsequentes, este produto perdeu posição de maneira acentuada.

O setor de gorduras, óleos e ceras participou com 10% da pauta exportadora estadual em 1996, o que representou aumento de participação de 21% em relação a 1991. Foram as ceras vegetais os mais importantes produtos exportados pelo setor (quase a totalidade) para 1996 e nos anos seguintes apesar de, pouco a pouco, ver reduzida sua parcela nas vendas externas totais do Estado.

² Principais setores correspondem ao conjunto formado por aqueles que totalizam 90% da pauta.

³ Para análise setorial detalhada da pauta exportadora estadual cearense na década de 1990 ver FONTENELE & MELO, 2004.

O quinto setor na pauta exportadora estadual foi o de calçados, perneiras etc., que participou com 2% das vendas externas estaduais. O produto mais representativo comercializado por este setor em 1996 foi outros calçados de couro natural, com 40% das vendas do setor, cuja importância se acentua e perpassa os anos subsequentes.

O sexto setor na pauta de exportações, em 1996 foi o de leite, laticínios, ovos de ave e mel, o qual apresentou desempenho instável no período. Nesse ano, leite integral em pó foi o produto mais vendido por esse setor cearense.

O setor de peles e couros correspondeu a 2,6% da pauta exportadora cearense de 1996. Para esse setor o produto mais representativo para a pauta estadual exportadora desse ano foi outros couros e peles de bovinos/equídeos, curtidos e recurtidos.

Fibras, fios e tecidos de fibras sintéticas ou artificiais, descontínuas, tradicional setor exportador da pauta cearense, apresentou forte recuo das exportações de 1991 para 1995, mas se recuperou em 1996 expressando inclusive aumento de participação na pauta cearense, passando de 1% para 2% no final do período. O Estado do Ceará demonstrou significativa especialização relativa à Região como um todo nesse setor. Aqui, o produto a ser destacado é, sem dúvida, fio de fibra de poliéster c/algodão, cru/alvejado/branqueado.

Para o subperíodo seguinte, constata-se que a pauta de exportação do Ceará continuou muito restrita, oito setores foram responsáveis, em 1999, por 90% do total das exportações (com 16 setores responsáveis por 97%). O principal setor exportador permaneceu frutos comestíveis (32% da pauta). A queda de participação desse setor em 22% de 1996 para 1999 deveu-se, essencialmente, ao crescimento da parcela dos setores de calçados e de couros: o primeiro saiu de uma parcela de 2,7% em 1996 para 19,3% em 1999 e o segundo de 2,4% para 6,4% no mesmo período. Sem dúvida, deve-se salientar o comportamento das exportações de calçados, sétimo setor da pauta de exportação de 1996 (2%) evoluindo para o segundo lugar no *ranking* em 1998 (19%), deslocando algodão, fios e tecidos de algodão e peixes, crustáceos e moluscos para terceiro e quarto lugar na pauta, respectivamente. Ressalta-se, ainda, o comportamento do setor peles e couros que passa a ocupar a quinta posição no *ranking* dos principais exportadores de 1999 (Tabela 5). Nesse período, observa-se que a política de incentivos do Governo do Estado, orientada para exportação, começa a colher os primeiros frutos.

Tabela 5 – Ceará: Principais Setores de Exportação de 1999 (1997-1999)

NCM	Setores	1997	1998	1999
08	Frutas cascas de cítricos e de melões	39,43	35,19	31,76
64	Calçados, polainas e artefatos semelhantes, e suas partes	10,00	18,47	19,30
52	Algodão	12,11	14,24	12,02
03	Peixes e crustáceos, moluscos e outros invertebrados aquáticos	12,04	9,91	9,99
41	Peles, exceto a peleteria (peles com pelo), e couros	0,78	0,76	6,41
15	Gorduras, óleos e ceras animais ou vegetais, etc.	9,54	7,98	5,72
55	Fibras sintéticas ou artificiais, descontínuas	2,69	2,15	3,37
99	Transações especiais	1,36	0,75	1,84
13	Gomas, resinas e outros sucos e extratos vegetais	1,75	2,00	1,40
73	Obras de ferro fundido, ferro ou aço	1,26	0,79	1,27
72	Ferro fundido, ferro e aço	1,36	0,92	0,94
68	Obras de pedra, gesso, cimento, amianto, e mica, etc.	1,18	1,02	0,82
63	Outros artefatos têxteis confeccionados, sortidos, etc.	0,34	0,42	0,64
	Total	93,85	94,59	95,48
	Demais Setores	6,15	5,41	4,52

Fonte: BRASIL, 2008.

4. Trocas comerciais externas cearenses no ambiente globalizado

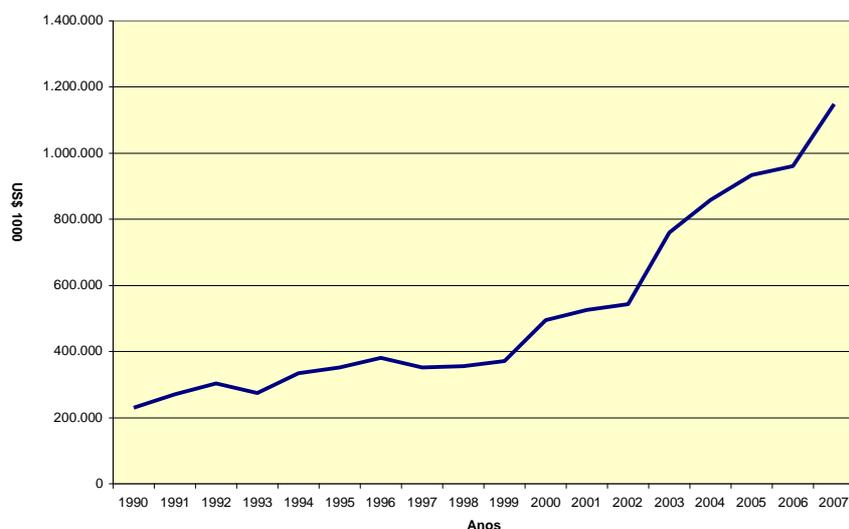
Conforme foi revelado acima, o Estado do Ceará perpassa toda década de 1990 com saldo negativo no comércio exterior. O crescimento das vendas mais que proporcional às compras entre 2000 e 2005 fez inverter a trajetória anterior de resultados negativos, no entanto, nos dois anos subseqüentes, o incremento das compras tem baseado a volta do *déficit* no saldo da balança comercial estadual (Tabela 6).

O bom desempenho do setor exportador do Ceará está, sem dúvida, relacionado à política de incentivos do governo do Estado através do Fundo de Desenvolvimento Industrial (FDI) com seus diversos Programas, tais como: Programa de Incentivo ao Funcionamento de Empresas (PROVIN), Programa de Incentivos às Atividades Portuárias e Industriais do Ceará (PROAPI). Associa-se, ainda, esse comportamento externo, em certa medida, ao ajuste fiscal das contas públicas, ao crescimento dos investimentos públicos e privados e ao razoável crescimento econômico nas áreas urbanas e nos setores industrial e de serviços processados no Estado na última década.

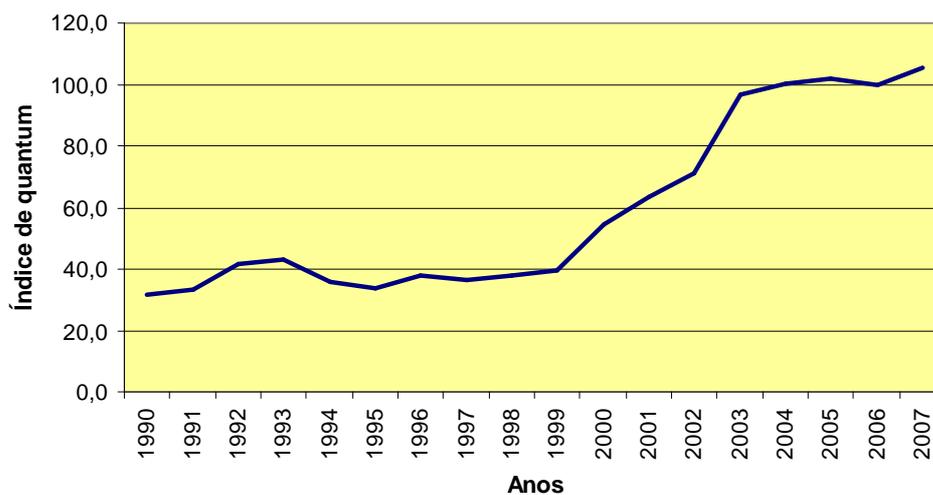
Tabela 6 - Ceará: Evolução do Saldo da Balança Comercial (2000-2007) (US\$ 1000)

ANO	EXPORTAÇÃO		IMPORTAÇÃO		SALDO (A) – (B)
	VALOR (A)	VAR%	VALOR (B)	VAR%	
2000	495.098	33,38	717.933	25,19	-222.835
2001	527.051	6,45	623.492	-13,15	-96.440
2002	543.902	3,20	635.910	1,99	-92.007
2003	760.927	39,90	540.760	-14,96	220.167
2004	859.369	12,94	573.590	6,07	285.779
2005	930.451	8,27	588.656	2,63	341.795
2006	957.045	2,86	1.096.715	86,23	-139.670
2007	1.148.357	19,39	1.405.686	28,00	-257.329

Fonte: BRASIL, 2008. Elaboração própria

Gráfico 1 - Ceará- Exportações (1990-2007)

Fonte: BRASIL, 2008. Elaboração própria

Gráfico 2 - Ceará : Índice de quantum (1990-2007) (2006=100)

Fonte: BRASIL, 2008. Elaboração própria

Com relação ao fator agregado, percebe-se, claramente, perda de participação dos produtos básicos na composição das exportações cearenses. Na década de 1990, os produtos básicos chegaram a participar com quase 60% do valor total da pauta exportadora estadual. Em 2007, essa categoria correspondeu a 27,6% das vendas externas estaduais. A redução da parcela relativa dessa categoria vem ocorrendo ano a ano desde 2003. As vendas dos produtos

industrializados, por sua vez, alcançaram desempenho bem superior àquelas dos produtos básicos. Em 1992, por exemplo, esse grupo de produtos respondeu por 42,1% do total exportado; em 2007, essa participação passa a 70,5%. Destacam-se, aqui, os produtos manufaturados, compondo 2/3 do total exportado pelo Estado neste último ano. Sem dúvida alguma, houve recomposição da pauta exportadora estadual em direção a produtos com maior nível de agregação de valor nos anos recentes. As vendas externas de produtos industrializados, notadamente os manufaturados, foram impulsionadas pelas políticas de atração de empresas postas em prática pelo governo estadual na última década.

A participação das importações dos produtos básicos também se reduziu ao longo do período, chegando, em 2007, a representar menos da metade da parcela registrada em 2000. (Tabela 7).

Tabela 7 - Ceará: Exportação e Importação segundo Fator Agregado (2000-2007)

ANO	Exportações				Importações			
	Básicos	Industriali	Semi	Manu	Básicos	Industriali	Semi	Manu
		zados (A+B)	Manufatu	faturados		zados	Manufatu	faturados
		rados (A)	(B)		(A+B)	rados (A)	(B)	
2000	0,4020	0,5760	0,1665	0,4095	0,4082	0,5918	0,0191	0,5726
2001	0,3214	0,6561	0,1768	0,4793	0,2812	0,7188	0,0136	0,7052
2002	0,3626	0,6171	0,1575	0,4595	0,2662	0,7338	0,0207	0,7131
2003	0,3342	0,6553	0,1390	0,5163	0,3212	0,6788	0,0256	0,6532
2004	0,3328	0,6624	0,1666	0,4957	0,2949	0,7051	0,0334	0,6717
2005	0,3198	0,6802	0,1764	0,5039	0,1681	0,8319	0,0152	0,8167
2006	0,3035	0,6965	0,1793	0,5172	0,1356	0,8644	0,0343	0,8302
2007	0,2755	0,7047	0,1794	0,5253	0,1634	0,8366	0,0330	0,8036

Fonte: BRASIL,2008. Elaboração própria.

A distribuição setorial das pautas exportadora e da importadora cearenses passaram por mudanças significativas no período 2002-2007. A pauta exportadora continua com certo grau de concentração setorial e ligeiramente mais concentrada que a importadora. No entanto, salienta-se que tem ocorrido movimento em direção à desconcentração nas duas pautas, com a entrada de novos setores nos últimos anos, mesmo que nem todos ocupem posições de destaque. De fato, de 2002 para 2007, entraram, na pauta exportadora, onze novos setores e quatro na importadora, ao mesmo tempo em que ocorreu redistribuição setorial dos pesos relativos em de cada conjunto.

A concentração das exportações pode ainda ser avaliada através da participação dos setores no conjunto da pauta estadual: doze deles corresponderam a 90% do valor total da pauta exportadora, enquanto o mesmo percentual das importações totalizou treze setores para o ano de 2007. Neste ano, apenas três setores responderam por 60% das vendas, foram eles: calçados, polainas e artefatos semelhantes, e suas partes; frutas, cascas de cítricos e de melões e peles, exceto a peleteria (peles com pelo), e couros. Os três setores citados vêm mantendo posições relativas importantes na pauta exportadora estadual desde 2003, tomando espaço de setores tradicionais como algodão e peixes. Quanto às importações, apenas três setores somaram 59% das compras em 2007, tais quais: combustíveis minerais, óleos minerais, etc., ceras minerais, ferro fundido, ferro e aço e cereais.

Ao serem examinadas as exportações cearenses constata-se que a maioria dos setores revelou incremento nas vendas nos últimos seis anos. Alguns cresceram suas vendas externas de maneira significativa no período 2002-2007, obtiveram ganho de participação na pauta exportadora estadual e, ao mesmo tempo, estiveram entre os mais representativos no período,

como exemplos: calçados, polainas e artefatos semelhantes, e suas partes (crescimento de 170% no período); frutas, cascas de cítricos e de melões (170%) peles, exceto a peleteria (peles com pelo), e couros (124%). Outros não relevantes para a pauta de 2002 se inseriram entre os principais em 2007: reatores nucleares, caldeiras, máquinas, etc., mecânicos; ferro fundido, ferro e aço; preparações de produtos hortícolas, de frutas, etc., e obras de pedra, gesso, cimento, amianto, mica, etc.

Os setores algodão e peixes, tradicionais na pauta exportadora do Estado, ocuparam posição de relevo no *ranking* das vendas em 2007, contudo vêm apresentando redução de suas importâncias desde 2002. O primeiro encolheu as vendas em três anos consecutivos 2004-2006 e o segundo reduziu em 45% de 2002 para 2007.

Vários produtos pertencentes aos principais setores exportadores cearenses em 2007 não eram exportados na década de 90, sobretudo aqueles pertencentes aos setores algodão, couros, e calçados. Grande parte desses produtos não só passou a ser exportada, ao longo dos anos 2000, como também alcançou participação significativa na pauta.

O principal produto exportado, em 2007, continuou sendo castanha de caju, fresca ou seca, sem casca (com participação de 16 %). Este vem mantendo a primeira colocação desde os anos 1990, apesar de sua parcela relativa ter sido reduzida ano a ano.

O segundo produto da pauta naquele ano foi outros couros/peles, inteiros, bovinos, plena flor e o terceiro foi outros calçados de couro natural, estas mercadorias foram produzidas por setores incentivados pelas políticas estaduais. O primeiro produto citado começou a ser exportado pelo Estado em 2002, contudo, em 2007, passou a responder por 9% das exportações estaduais. Já, outros calçados, segundo produto do setor, chegou em 2007 com 8,6% de participação na pauta. Há, ainda, que considerar outro produto, novo na pauta, processado por empresa incentivada, e que já apareceu neste último ano com certa representatividade: máquinas de costura doméstica (2%).

Tabela 8 – Ceará: Principais Setores Exportadores de 2007 (2002-2007) (Participação)

SETORES	2002	2003	2004	2005	2006	2007
(64)Calçados, polainas e artefatos semelhantes, e suas partes	0,2033	0,2197	0,2166	0,2199	0,2474	0,2620
(08)Frutas, cascas de cítricos e de melões	0,1754	0,1725	0,1938	0,1940	0,1930	0,2240
(41)Peles, exceto a peleteria (peles com pelo), e couros	0,1179	0,1149	0,1283	0,1254	0,1330	0,1258
(52)Algodão	0,1542	0,1571	0,1365	0,1204	0,1149	0,1003
(03)Peixes e crustáceos, moluscos e outros invertebrados aquáticos	0,1770	0,1476	0,1238	0,1161	0,0952	0,0466
(15)Gorduras, óleos e ceras animais ou vegetais, etc.	0,0273	0,0138	0,0178	0,0270	0,0260	0,0302
(84)Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, etc., mecânicos	0,0039	0,0033	0,0088	0,0054	0,0086	0,0245
(72)Ferro fundido, ferro e aço	0,0057	0,0158	0,0315	0,0351	0,0191	0,0215
(99)Transações especiais	0,0203	0,0104	0,0048	0,0073	0,0168	0,0198
(73)Obras de ferro fundido, ferro ou aço	0,0066	0,0053	0,0067	0,0090	0,0136	0,0175
(83)Obras diversas de metais comuns	0,0023	0,0055	0,0091	0,0095	0,0117	0,0168
(20)Preparações de produtos hortícolas, de frutas, etc.	0,0095	0,0074	0,0122	0,0125	0,0137	0,0146
(68)Obras de pedra, gesso, cimento, amianto, mica, etc.	0,0070	0,0062	0,0089	0,0105	0,0155	0,0131
(85)Máquinas, aparelhos e materiais elétricos, suas partes, etc	0,0011	0,0038	0,0040	0,0026	0,0016	0,0102
Total	0,9116	0,8832	0,9026	0,8948	0,9101	0,9265
Demais setores	0,0884	0,1168	0,0974	0,1052	0,0899	0,0731

Fonte: BRASIL, 2008. Elaboração própria

Os bens produzidos sob condições de baixa intensidade tecnológica têm dominado as vendas externas cearenses. Essa categoria correspondeu a 85% do total do valor exportado em 2007, apesar de, no período 2002-2007, ter havido redução na ordem de oito pontos percentuais no peso relativo desses setores. Deve-se ressaltar o crescimento, registrado de 2002 para 2003, das exportações dos setores classificados como média baixa intensidade, os quais vêm apresentando trajetória crescente na parcela total vendida até 2006, e se mantém no ano seguinte. A participação do valor exportado por esse conjunto de produtos em 2007 esteve cinco pontos percentuais acima do registrado em 2002. Outro fato a ser destacado foi o incremento de participação dos grupos de produtos de média alta intensidade tecnológica nos anos mais recentes, ainda que de forma muito mais suave que do grupo anterior. (Gráfico 3)

Para o segmento composto de produtos de baixa intensidade tecnológica, ressaltam-se, pela importância nas vendas externas do Estado, os que participaram com mais de 10% na pauta exportadora estadual em 2007: a) calçados, polainas e artefatos semelhantes, e suas partes (26%); b) frutas, cascas de cítricos e de melões (22%); c) peles, exceto a peleteria (peles com pelo), e couros (13%) e d) algodão (10%).

No segmento de média alta intensidade, os setores representativos foram, no último ano, os seguintes: a) reatores nucleares, caldeiras, máquinas, etc., mecânicos (2,5%) e b) máquinas, aparelhos e materiais elétricos, suas partes, etc.(1%) Alguns outros setores relevantes na pauta exportadora de 2007 e classificados como de média baixa intensidade tecnológica podem ser mencionados. Estão, nesse conjunto, os grupos de produtos formados por: a) ferro fundido, ferro e aço (com participação de 2% na pauta estadual); b) obras de ferro fundido, ferro ou aço (1,7%) e obras de pedra, gesso, cimento, amianto, mica, etc. (1,3%).

Gráfico 3 - Ceará - Saldo da Balança Comercial segundo Intensidade Tecnológica (1999-2007)



Fonte: BRASIL, 2008. Elaboração própria.

No âmbito empresarial, constata-se forte concentração das exportações em 2003, que não se dissimulou nos anos mais recentes, apesar de o número total de empresas exportadoras no Estado ter crescido nos últimos anos, ou seja, o incremento foi de 24% entre 2002 e 2007. No último ano, quarenta empresas exportadoras responderam por 88% do valor total da pauta exportadora estadual, sendo que as vinte maiores empresas vendedoras detiveram mais de 73% do valor total (Tabela 9). As quarenta principais empresas formam o conjunto que cresceu suas vendas em 28%, de 2006 para 2007, enquanto as demais, grupo constituído por empresas de menor porte, decresceram em 21% conduzindo a uma variação total líquida de 19%.

A concentração se afirma na medida em que se aproximam percentuais mais estreitos, ou seja, nove empresas exportadoras totalizam 50% do valor total vendido, número ainda menor que nos anos anteriores (Tabela 9). As três empresas exportadoras que mais transacionaram com o exterior foram, em 2007, em ordem de importância: BERMAS INDÚSTRIA E COMÉRCIO LTDA, VICUNHA TÊXTIL S/A, e GRENDENE S.A. (Tabela 9). Essas empresas são as que, desde 2004, têm exportado montantes acima de 50 milhões de dólares. Elas fazem parte do grupo daquelas que são beneficiadas por programas de incentivos do governo estadual. De fato, os resultados da política estadual no Ceará, na última década, expressam o papel fundamental da Secretaria de Desenvolvimento Econômico do Estado no que diz respeito à concessão de incentivos de várias ordens que, em grande medida, beneficiaram empresas exportadoras, especialmente de couros e calçados. Do conjunto de empresas que participaram com pelo menos 1% da pauta de exportação estadual, naquele ano, mais da metade está contemplada em um ou mais Programas do Fundo de Desenvolvimento Industrial (FDI).

Tabela 9 - Ceará: Empresas Exportadoras (2006/2007) (US \$) (%)

Empresas	Valor(2007)	%	Valor(2006)	%	Δ%
TOTAL DA ÁREA	1.148.357.273	100,00	961.874.415	100,00	19,39
TOTAL DAS PRINCIPAIS EMPRESAS	1.009.125.923	87,88	785.329.327	81,65	28,50
01 BERMAS INDUSTRIA E COMERCIO LTDA	109.986.373	9,58	129.527.525	13,47	-15,09
02 VICUNHA TEXTIL S/A	101.009.079	8,80	96.953.273	10,08	4,18
03 GRENDENE S A	96.710.157	8,42	76.192.836	7,92	26,93
04 DISPORT NORDESTE LTDA	80.114.218	6,98	65.357.975	6,79	22,58
05 IRACEMA INDUSTRIA E COMERCIO DE CASTANHAS DE CAJU	49.559.363	4,32	42.857.400	4,46	15,64
06 CALCADOS ANIGER NORDESTE LTDA	42.974.020	3,74	27.337.286	2,84	57,20
07 VULCABRAS DO NORDESTE S/A	42.716.862	3,72	30.643.124	3,19	39,40
08 DEL MONTE FRESH PRODUCE BRASIL LTDA	36.305.377	3,16	20.458.912	2,13	77,46
09 BERMAS MARACANAU INDUSTRIA E COMERCIO DE COURO	32.709.552	2,85	---	---	---
10 COMPANHIA BRASILEIRA DE RESINAS-RESIBRAS.....	29.019.041	2,53	24.746.122	2,57	17,27
11 CIA INDUSTRIAL DE OLEOS DO NORDESTE CIONE.....	28.695.759	2,50	17.636.401	1,83	62,71
12 SINGER DO BRASIL INDUSTRIA E COMERCIO LTDA	24.469.452	2,13	6.463.438	0,67	278,58
13 CASCAJU AGROINDUSTRIAL S A	24.028.938	2,09	16.951.653	1,76	41,75
14 AMENDOAS DO BRASIL LTDA	23.296.224	2,03	16.183.087	1,68	43,95
15 GERDAU ACOS LONGOS S.A.	22.555.100	1,96	15.077.897	1,57	49,59
16 PETROLEO BRASILEIRO S A PETROBRAS	21.133.144	1,84	18.963.777	1,97	11,44
17 ESMALTEC S/A	19.075.863	1,66	12.578.314	1,31	51,66
18 USIBRAS USINA BRASILEIRA DE OLEOS E CASTANHA LT	18.629.354	1,62	5.529.830	0,57	236,89
19 PESQUEIRA MAGUARY LTDA	17.691.606	1,54	14.359.075	1,49	23,21
20 CIA METALIC NORDESTE	14.759.009	1,29	7.281.870	0,76	102,68
21 OLAM BRASIL LTDA.....	14.746.976	1,28	18.840.242	1,96	-21,73
22 TBM TRADE - IMPORTACAO E EXPORTACAO S.A.	13.997.536	1,22	16.890.393	1,76	-17,13
23 DAFRUTA INDUSTRIA E COMERCIO S/A	13.054.459	1,14	7.032.503	0,73	85,63
24 H.BETTARELLO CURTIDORA E CALCADOS LTDA	11.951.097	1,04	10.431.574	1,08	14,57
25 WOBEN WINDPOWER INDUSTRIA E COMERCIO LTDA.....	10.711.227	0,93	815.422	0,08	---
26 DURAMETAL S/A	10.507.419	0,91	10.298.583	1,07	2,03
27 CERAPELES LTDA	9.534.395	0,83	7.072.128	0,74	34,82
28 COMPEX INDUSTRIA E COMERCIO DE PESCA E EXPORTAC	8.021.543	0,70	10.974.934	1,14	-26,91
29 FAZENDA AMWAY NUTRILITE DO BRASIL LTDA.....	7.944.653	0,69	1.531.217	0,16	418,85
30 PONTES INDUSTRIA DE CERA LTDA.....	7.858.837	0,68	4.483.665	0,47	75,28
31 DAKOTA NORDESTE S/A	7.579.682	0,66	6.070.314	0,63	24,86
32 MM MONTEIRO PESCA E EXPORTACAO LTDA	7.506.672	0,65	9.136.836	0,95	-17,84
33 AGRICOLA CAJAZEIRA LTDA	7.160.304	0,62	235.101	0,02	---
34 VON ROLL DO BRASIL LTDA.....	6.865.327	0,60	5.288.032	0,55	29,83
35 FITESA HORIZONTE INDUSTRIAL LTDA.....	6.833.837	0,60	1.975.681	0,21	245,90
36 GRANITOS S A	6.823.845	0,59	7.239.882	0,75	-5,75
37 J.S. TROPICAL COMERCIO DE FRUTAS LTDA.....	6.119.017	0,53	5.405.090	0,56	13,21
38 INTERMELON COMERCIAL EXPORTADORA E IMPORTADORA	5.767.714	0,50	7.459.382	0,78	-22,68
39 CARNAUBA DO BRASIL LTDA	5.435.216	0,47	1.806.426	0,19	200,88
40 FONCEPI COMERCIAL EXPORTADORA LTDA.....	5.267.676	0,46	7.242.127	0,75	-27,26
41 DEMAIS EMPRESAS	139.231.350	12,12	176.545.088	18,35	-21,14

Fonte: BRASIL, 2008. As empresas destacadas são aquelas que são contempladas com incentivo do FDI.

5. Empresas incentivadas e a recomposição da pauta exportadora

O Fundo de Desenvolvimento Industrial beneficiou empresas de vários segmentos industriais através de concessão de incentivos atrelados do PROVIN. A reformulação do programa ocorrida em 1995 impulsionou sobremaneira a atração de investimentos a partir desse ano. Apesar de não ser um Programa orientado para o estímulo da atividade exportadora, várias empresas contempladas por este se mostraram, ao longo do tempo, competitivas no mercado externo, conforme mostrou a Tabela 9 acima.

No entanto, a partir de 1996, começaram a ser assinados os contratos referentes ao Programa de incentivos (PROAPI) com a finalidade de atrair empresas de couros e calçados de fora do Estado que destinassem toda ou parte de sua produção ao mercado externo. O primeiro contrato data de 1996 e foi assinado com a empresa Canindé Calçados LTDA, localizada no município de Canindé. A partir daí foram firmados outros nos anos subseqüentes até 2002, envolvendo dezenove municípios no total. Com exceção de uma empresa de couros e peles, denominada BERMAS Indústria e Comércio Ltda., originária da Itália, a qual assinou protocolo em 1999, as demais pertencem ao setor calçadista. Das quinze empresas desse setor beneficiadas pelo Programa, com contrato em curso em 2007, dez são originárias do Estado do Rio Grande do Sul. Estas unidades produzem produtos finais e intermediários traduzidos em: sapatos femininos, masculinos e infantis, botas femininas, tênis, sandálias, tamancos; saltos, solas, palmilhas, couros e peles.

Não tardou para que as repercussões na pauta de exportação do Estado do Ceará se fizessem sentir. Em 1997, as exportações do setor calçadista começaram a tomar impulso de maneira efetiva, quando então chegaram a participar com 10% da pauta estadual. A partir daí só há registro de crescimento das vendas tanto em valor como no *quantum*, alguns anos com maior outros com menor intensidade (Tabela 10 e Gráficos 4 e 5). Em 2001, a parcela relativa desse setor na pauta de exportação do Ceará ultrapassou 20% e o setor passou a se posicionar na primeira posição no *ranking*, colocação que se manteve em 2007 com mais de 25% do peso relativo. A totalidade das exportações de calçados é efetuada pelas empresas incentivadas

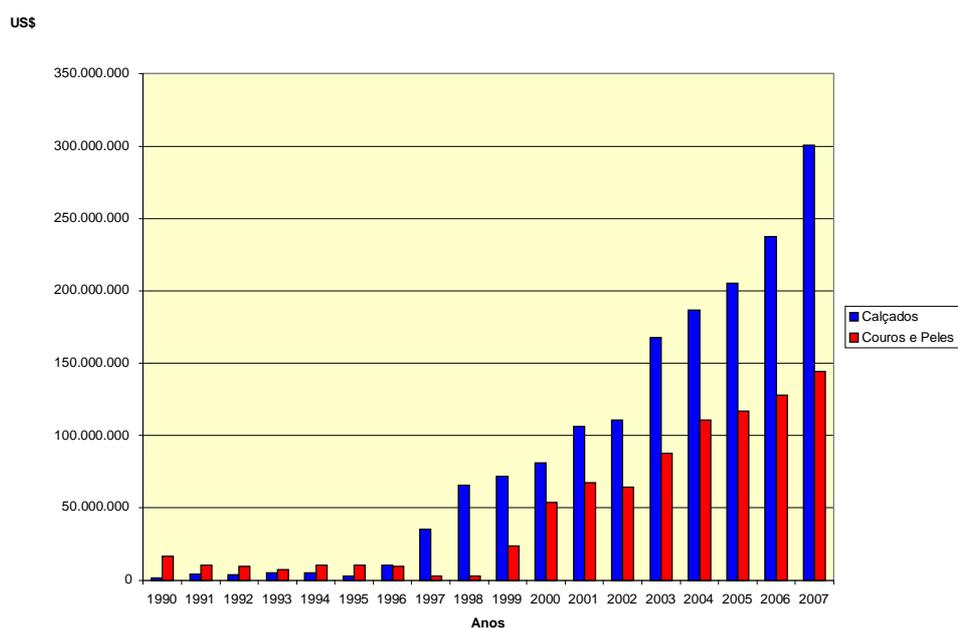
Quanto ao setor de couros e peles, constata-se que as vendas externas tiveram algum significado para a pauta estadual entre 1990 e 2007, com exceção de 1997 e 1998. No entanto, a partir de 1999, com a entrada em operação da empresa BERMAS Indústria e Comércio, este setor sustentou, nos anos subseqüentes, incremento das vendas externas em valor e em *quantum* e passou, assim, a fazer parte da configuração dos principais exportadores do Estado, ocupando posição cada vez de maior destaque. Essa empresa é, nos dias atuais, a única responsável pela exportação estadual desse setor. Desde 2005, esse setor tem se firmado na terceira colocação, na frente dos setores de algodão e de peixes, historicamente dois dos maiores exportadores estaduais (Tabela 10 e Gráficos 4 e 5).

Tabela 10 – Ceará - Exportação de Calçados e de Couros (1990-2007)
(US\$) (Índice de valor-IVX) (% na pauta estadual)

Ano	Calçados			Couros e Peles		
	Valor	IVX	%	Valor	IVX	%
1990	1.379.954	-	0,60	16.613.482	-	7,20
1991	4.164.043	301,75	1,54	10.554.293	63,52	3,90
1992	3.769.310	90,52	1,24	9.456.433	89,60	3,11
1993	4.839.701	128,40	1,76	7.405.515	78,31	2,69
1994	4.862.349	100,04	1,45	10.546.101	142,41	3,15
1995	2.981.377	61,31	0,85	10.307.620	97,74	2,92
1996	10.269.054	344,44	2,25	9.228.477	89,53	2,52
1997	35.324.950	343,99	10,01	2.742.654	29,72	0,78
1998	65.627.412	185,78	18,46	2.692.664	98,18	0,76
1999	71.651.803	109,18	19,30	23.793.790	883,65	6,41
2000	81.252.002	113,40	16,41	53.663.444	225,54	10,84
2001	106.458.007	131,02	20,20	67.380.071	125,56	12,78
2002	110.769.431	104,05	20,37	64.267.152	95,38	11,79
2003	167.514.704	151,23	21,97	87.647.025	136,38	11,49
2004	186.520.089	111,35	21,70	110.546.242	126,13	12,83
2005	205.201.999	110,03	21,99	117.109.354	105,94	12,54
2006	237.714.309	115,90	24,74	127.891.898	109,21	13,30
2007	300.847.336	126,44	26,20	144.454.209	112,95	12,58

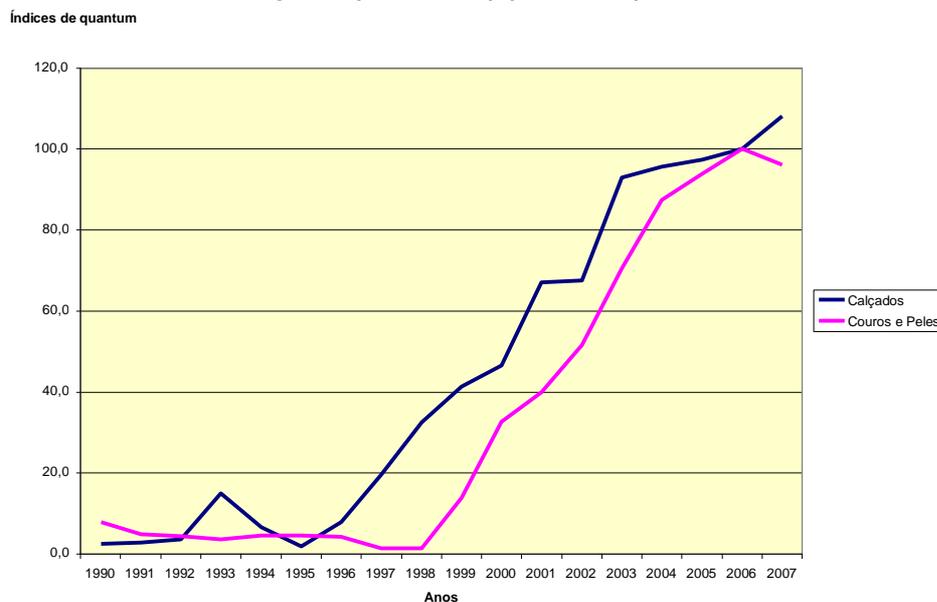
Fonte: BRASIL, 2008. Elaboração própria

Gráfico 4 - Ceará: Exportações de Calçados e de Couros e Peles (1990-2007)
(2006=100)



Fonte: BRASIL, 2008. Elaboração própria.

Gráfico 5- Ceará: Índice de quantum das exportações de calçados e de couros e peles (1990-2007) (2006=100)



Fonte: BRASIL, 2008. Elaboração própria.

Existe significativa concentração do destino das vendas externas do setor calçadista cearense. Nos últimos três anos, Estados Unidos, Argentina e Reino Unido têm adquirido o correspondente a 65% do valor das vendas deste setor cearense. As vendas externas do setor de couros expressam muito mais forte concentração. Itália (país de origem da empresa exportadora), Estados Unidos e China. Em 2007, o primeiro adquiriu 50% do total vendido pela empresa citada acima e os três juntos perfizeram 75% (Gráficos 6 e 7). Os calçados mais vendidos ao exterior pela indústria cearense na década de 2000 são os transformados a partir de matéria-prima sintética e couro. Os primeiros expressaram crescimento tanto da quantidade como do valor das vendas externas estaduais no decênio. A participação desse tipo de calçado no total das vendas externas estaduais do setor passou de 32% em 2002 para 42% em 2007. De seu lado, o segmento de calçados de couro registrou maior contribuição no total exportado em 2007, reflexo principalmente da evolução do preço unitário nos últimos cinco anos, visto que o aumento da quantidade exportada não foi significativo no período.

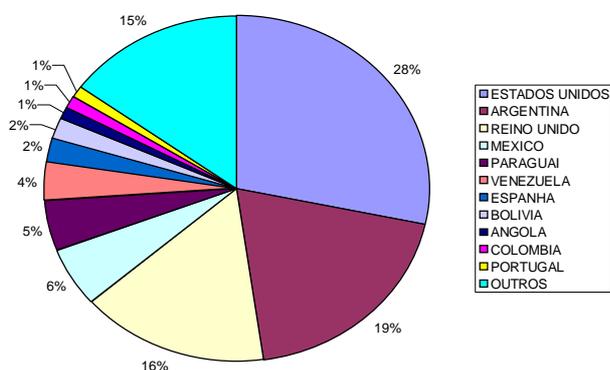
Tabela 11- Ceará: Exportações de calçados e de couros e peles segundo destino (2005-2007) (US\$) (Participação)

Países	Calçados					
	2007		2006		2005	
	Valor	Part.	Valor	Part.	Valor	Part.
ESTADOS UNIDOS	85.767.049	0,2851	89.431.602	0,3759	82.538.145	0,4020
ARGENTINA	58.617.801	0,1948	39.045.481	0,1641	34.218.837	0,1667
REINO UNIDO	47.572.459	0,1581	29.231.498	0,1229	15.536.786	0,0757
MÉXICO	16.784.342	0,0558	22.201.913	0,0933	24.957.012	0,1216
PARAGUAI	13.795.715	0,0459	10.967.897	0,0461	8.091.870	0,0394
VENEZUELA	11.477.216	0,0381	6.900.391	0,0290	4.236.069	0,0206
ESPAÑA	6.170.733	0,0205	4.051.835	0,0170	2.702.170	0,0132
BOLÍVIA	5.881.063	0,0195	3.941.218	0,0166	2.728.357	0,0133
ANGOLA	3.876.845	0,0129	715.855	0,0030	419.939	0,0020
COLÔMBIA	3.296.851	0,0110	2.126.237	0,0089	1.943.437	0,0095
PORTUGAL	3.160.083	0,0105	689.662	0,0029	915.272	0,0045

Países	Couros e Peles					
	2007		2006		2005	
	Valor	Part.	Valor	Part.	Valor	Part.
ITÁLIA	71.403.990	0,4943	54.829.428	0,4287	23.099.162	0,2151
ESTADOS UNIDOS	21.682.734	0,1501	9.097.557	0,0711	12.542.590	0,1168
CHINA	14.733.133	0,1020	13.718.227	0,1073	9.731.682	0,0906
INDONÉSIA	11.639.075	0,0806	2.152.369	0,0168	-	0,0000
MÉXICO	6.225.468	0,0431	2.020.816	0,0158	478.758	0,0045
HONG KONG	5.587.776	0,0387	12.387.271	0,0969	11.426.051	0,1064
TAILÂNDIA	4.730.477	0,0327	4.438.703	0,0347	7.349.939	0,0685
VIETNÃ	3.722.813	0,0258	526.139	0,0041	-	0,0000

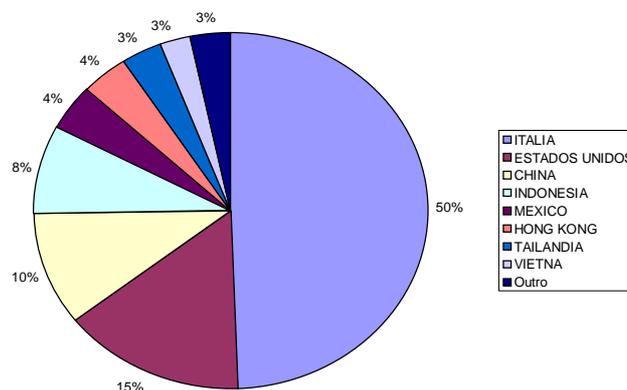
Fonte: BRASIL, 2008. Elaboração própria

Gráfico 6 - Ceará - Exportações de calçados segundo destino (2007)



Fonte: BRASIL, 2008. Elaboração própria.

Gráfico 7 - Ceará - Exportação de couros segundo destino (2007)



Fonte: BRASIL, 2008. Elaboração própria

6. Notas Conclusivas

O comércio exterior do Ceará reagiu pouco no período imediatamente após à abertura comercial propriamente dita no que se refere ao grau de abertura de sua economia. Até a primeira metade da década de 1990, a pauta de exportações do Estado do Ceará pouco se modificou, no entanto, a partir de 1997, pode-se claramente identificar uma recomposição na sua estrutura. O crescimento das vendas externas estaduais, que tem lugar a partir de 1999, está, em grande medida, intrinsecamente associado aos incentivos advindos da política industrial do Estado, os quais conduziram a mudanças no perfil da pauta. Produtos tradicionais na pauta estadual como têxteis e castanha de caju cedem lugar aos produtos pertencentes, fundamentalmente, aos setores de couros e calçados transformados por empresas atraídas para o estado pelos incentivos do Governo local.

As exportações do Ceará têm apresentado crescimento anual significativo a partir de 2003, ano em que foram registrados recordes de crescimento tanto do *quantum* quanto do valor exportado. Esses resultados revelam, em primeira aproximação, que o Estado vem participando, em certa medida, para a dinâmica recente das vendas externas nacionais nos últimos anos. A efetiva contribuição do Estado para o crescimento das exportações nacionais foi da ordem de 3% anuais entre 2002 e 2005.

Na pauta exportadora cearense, há predominância dos setores intensivos em recursos naturais e em mão-de-obra, caracterizando claramente uma especialização do Estado em produtos que se apóiam em vantagens comparativas clássicas. Esta pauta é, essencialmente, constituída de bens produzidos sob condições de baixa intensidade tecnológica, na medida em que os setores que participam com mais de 10% da pauta exportadora estão enquadrados nessa categoria. A realidade cearense expressa que seria difícil uma mudança significativa na pauta de exportação em direção a produtos com maior conteúdo tecnológico.

De fato, os setores industriais que despontaram nos últimos dez anos como exportadores de relevância foram aqueles estimulados pela política industrial implementada pelo governo do Estado que de, alguma forma, buscou potencializar algumas vantagens comparativas do Ceará, como é o caso dos setores de calçados e couros e peles e que requerem baixo conteúdo tecnológico para processamento, portanto nessa perspectiva de análise, o perfil da pauta exportadora praticamente não se altera.

A distribuição das exportações e importações reflete certa concentração em nível setorial e de destino tanto para as vendas como para as compras, contudo, tem se verificado tendência mais recente à desconcentração, o que favorece inserção externa menos dependente. No entanto, as vendas para o exterior assim como as compras continuam concentradas em poucas empresas sem que tenha havido algum processo desconcentrador nos últimos anos. A economia cearense ainda conserva no comércio externo forte peso nas trocas intersetoriais características da exploração de vantagens comparativas.

O comportamento dos destinos dos produtos cearenses está atrelado, em grande medida, à dinâmica da demanda dos Estados Unidos e do Mercosul, principais parceiros do Estado, como referência para a análise de competitividade de setores exportadores. A proximidade geográfica do Ceará ao mercado americano reforça ainda mais o potencial comprador daquele país.

Sem sombra de dúvidas, os setores incentivados pelos programas governamentais atrelados ao FDI, fundamentalmente o PROAPI, orientaram a recomposição da pauta exportadora cearense a partir da segunda metade da década de 1990. Esse programa específico para os setores calçadistas e couros visou exclusivamente o comércio externo e como tal surtiu o efeito esperado. Quanto à repercussão na economia estadual, constata-se que cada um deles

rebate de maneira diferenciada localmente. As empresas incentivadas do setor calçadista são importantes geradoras de empregos diretos e a de couros geradora de poucos postos de trabalho. Os insumos são adquiridos, em sua maioria, fora do Estado para o setor calçadista usufruindo pouco, portanto, o Estado dos fortes efeitos em cadeia próprios deste setor. De seu lado, o couro, utilizado pela empresa transformadora de couros e peles, é exclusivamente originário de fora do Ceará. As atividades de P&D dessas empresas são desenvolvidas em suas matrizes localizadas no Estado/País de origem onde ocorre o desenvolvimento de produtos.

Referências Bibliográficas

BRASIL, MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO (MIDIC), em www.mdic.gov.br, abril-maio 2008, vários acessos.

FONTENELE, A.M. & MELO, M.C.P. Competitividade e potencial de expansão dos setores exportadores dos estados nordestinos, Fortaleza, Banco do Nordeste, 2007.

_____. _____. Comércio exterior recente; está se configurando uma nova plataforma de exportação para o Ceará?, In: Economia do Ceará em debate, Fortaleza, IPECE, 2006.

_____. _____. Inserção internacional da economia cearense; potencialidades e limites para o crescimento. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2004.

_____. _____. Comércio exterior do Estado do Ceará: uma análise dos anos 90, In: Federalismo fiscal e transformações recentes no Ceará, Fortaleza, Edições INESP, CAEN/CIC, 2000.

FUNDAÇÃO CENTRO DE ESTUDOS DO COMÉRCIO EXTERIOR (FUNCEX), www.funcex.com.br, abril-maio 2008, vários acessos.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE), Contas Regionais. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>.

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ (IPECE) Um perfil das empresas atraídas pelo FDI no período 2001-2006. Texto para discussão nº 28, IPECE, Fortaleza, 2006a. Disponível em: <<http://www.ipece.ce.gov.br>>.

_____. A Política de atração de investimentos industriais do Ceará: uma análise do período 1995-2005. Texto para discussão nº 26, IPECE, Fortaleza, 2006b. Disponível em: <<http://www.ipece.ce.gov.br>>.

MELO, M. C. P. Inserção internacional da Região Nordeste e a dinâmica do comércio exterior brasileiro nos anos recentes. Fortaleza, Revista Econômica do Nordeste, Banco do Nordeste do Brasil, v.38, n.4, out-dez 2007.

_____. O Estado do Ceará e a dinâmica recente do comércio exterior brasileiro. Revista CONTEXTUS, FEAAC/UFC, Fortaleza. v.5, n.2, jul-dez 2007.

_____. Comércio Exterior do Estado do Ceará no período recente: expansão quantitativa ou diferenciada?. Fortaleza, IPECE, 2007.

_____. Science, technology and industry scoreboard 2001 – Towards a knowledge – based economy, 2004. Disponível em: <<http://www.oecd.org>>.